

## INTER-LEGERE

---

A PEÇA TEATRAL “JACY” – UMA LEITURA  
Jóis Alberto da Silva

### A PEÇA TEATRAL “JACY” – UMA LEITURA

Jóis Alberto da Silva<sup>1</sup>

**Jacy** – Com Henrique Fontes, Quitéria Kelly e Pedro Fiuza. Direção: Henrique Fontes. Peça de Iracema Macedo, Pablo Capistrano e Henrique Fontes. Realização do Grupo Teatro Carmin. Temporada no Teatro Carmin (Barracão dos Clowns), em Nova Descoberta, em 2013, e apresentações que prosseguiram em janeiro e março de 2015, no Teatro Riachuelo e na Casa da Ribeira.

A criatividade no uso de novos recursos cenográficos, a competente utilização de imagens visuais filmadas e ao vivo, o enfoque do teatro como documento e, enfim, a bem-sucedida *mise-en-scène* construída por Henrique Fontes, como coautor, diretor e ator da peça – no palco em dupla com Quitéria Kelly –, fazem de “Jacy” um espetáculo que merece os mais calorosos aplausos da plateia e da crítica. Na verdade, a construção dessa montagem teatral não se deve apenas à inspirada atuação de Henrique ou ao competente desempenho de Quitéria, mas sem dúvidas à soma de inegáveis talentos e sensibilidades dos outros dois autores da peça: a poeta Iracema Macedo e o escritor Pablo Capistrano – ambos com formação em filosofia –, além da criativa atuação multimídia do *videomaker* Pedro Fiuza durante toda a encenação.

Fiel ao legado das vanguardas do teatro contemporâneo, que não apenas representa uma narrativa ficcional, mas principalmente entende o teatro como um modo de vida e um veículo de ideias, a montagem da peça, ao optar pelos recursos anteriormente mencionados, enriquece uma narrativa, que, por ser baseada em fatos reais, poderia descambar para um previsível realismo narrativo ou um mero naturalismo. Evidentemente, os autores, atores e encenadores de “Jacy” tiveram, de modo geral, consciência desses riscos, souberam evitá-los e encontraram soluções cênicas que

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais na UFRN.

## INTER-LEGERE

---

### A PEÇA TEATRAL “JACY” – UMA LEITURA

Jóis Alberto da Silva

tornam o espetáculo um forte candidato a ser um marco renovador no teatro potiguar contemporâneo.

A história da peça toma como ponto de partida o fato de, em determinada ocasião, o ator e diretor Henrique Fontes ter encontrado na rua uma frasqueira, cujo conteúdo – cartas, fotos, documentos, objetos – revela ser de propriedade de uma mulher idosa, identificada como Jacy, de quem se toma conhecimento de dados biográficos a partir da busca do ator/diretor para encontrá-la, procurando saber se mora em Natal, se está viva, se tem familiares na cidade, amigos etc. Lançando mão de recursos do teatro documento, autores, diretor, atores – e mesmo o público – constroem o espetáculo a partir dessa busca por Jacy, combinando ficção e realidade, de tal modo que por vezes fica mesmo difícil delimitar as fronteiras do que é real e do que é ficcional ou imaginário.

A peça ficou em cartaz no teatro da Casa da Ribeira, em março de 2015, após temporada, no segundo semestre de 2013, no Barracão dos Clowns, um galpão de alvenaria adaptado para servir como uma espécie de “teatro de bolso” – nunca vi um teatro no bolso de ninguém (!), mas vai essa expressão na falta de outra melhor, já que “teatrinho”, em Natal/RN, pode parecer imitação do antigo Teatro Sandoval Wanderley, no Alecrim, chamado nos anos 1960 de “Teatrinho do Povo”, repleto de significados políticos e ideológicos.

No pequeno Teatro do Barracão dos Clowns, à época, a maior parte das paredes foi pintada de preto. Montou-se uma pequena arquibancada, onde a plateia tem uma visão frontal do palco – igualmente pintada de preto, tendo-se ao alto refletores –, nas paredes laterais colocaram-se aparelhos de ar-condicionado e próximo ao palco pôs-se uma mesa com equipamentos de iluminação e audiovisual, na qual o *videomaker* Pedro Fiuza operou aparelhos multimídia e dialogou com Henrique Fontes, Quitéria Kelly e demais atores, em uma ou outra cena da peça.

Na encenação de 2013 – não assisti à encenação na Casa da Ribeira em 2015, nem a do Teatro Riachuelo, em janeiro deste ano, conforme anunciado em noticiário jornalístico local –, o cenário era basicamente formado por lâmpadas incandescentes

## INTER-LEGERE

---

### A PEÇA TEATRAL “JACY” – UMA LEITURA

Jóis Alberto da Silva

suspensas por fios e interruptores ao alcance dos atores, quando estes se movimentavam pelo palco; duas cadeiras; uma tela em que a dupla de atores fazia alguns desenhos, como, por exemplo, marcava a silhueta de Jacy/Quitéria Kelly, quando, a certa altura da narrativa, ela se tornava idosa e o corpo ia se curvando à passagem do tempo. Nessa tela, também foram projetadas cenas de filmes e vídeos relacionadas à vida da personagem e ao contexto histórico de Natal e do Rio de Janeiro, onde Jacy viveu determinado período da vida dela, posteriormente retornando a Natal, além de cenas filmadas ao vivo durante o espetáculo. Esses e outros criativos recursos da cenografia enriqueceram estilística e grandemente o texto de Pablo, Iracema e Henrique.

De acordo com o que nos informam os materiais de divulgação – o jornal impresso *El Carmin*, por exemplo, espécie de programa da peça que foi distribuído ao público na entrada do teatro –, “Jacy” é resultado de uma pesquisa teatral que durou três anos, desde o encontro da maleta, contendo fragmentos de vida de Jacy, até a primeira apresentação. Em *El Carmin* – referência ao nome do grupo teatral –, ficamos sabendo também mais um pouco da vida de Jacy, por meio da leitura de “cartas” assinadas por Henrique, Quitéria, Pedro Fiuza, Iracema Macedo e Pablo Capistrano, dirigidas à personagem-título e ao público. Num dos textos, igualmente, tomamos um pouco mais de conhecimento acerca da bem-sucedida e premiada trajetória do Grupo Carmin, criado em Natal, em 2007, pelas atrizes Quitéria Kelly e Titina Medeiros. “Jacy”, por exemplo, foi um projeto contemplado com o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2012, da Funarte/Ministério da Cultura.

Em resumo, podemos afirmar que a peça basicamente acompanha a trajetória biográfica e existencial de Jacy, englobando a juventude em Natal, a maturidade no Rio e o retorno a Natal quando idosa, quando morre, aos 90 anos de idade. Esses fatos servem de *leitmotiv* para se (des)construir a peça, na qual, embora com uma ou outra característica do teatro épico brechtiano, prevalecem as características do teatro pós-moderno e principalmente do teatro documento. As características do teatro documento ganham destaque a partir do entrecruzamento dos dados biográficos reais da

## INTER-LEGERE

---

### A PEÇA TEATRAL “JACY” – UMA LEITURA

Jóis Alberto da Silva

personagem com as mudanças histórico-sociais pelas quais o Brasil passou nesse período e com os aspectos ficcionais.

No final, no cenário de uma Natal contemporânea, foi feita uma poética – e sempre inteligente – citação ao *Anjo da História*, de Walter Benjamin. Nas teses sobre o Conceito de História benjaminianas, onde nós identificamos uma cadeia de acontecimentos, o *Anjo da História* vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. “[...] Essa tempestade é o que chamamos de progresso” (BENJAMIN, 2010).

Ao se aproximar do encerramento da peça, quando ventiladores são ligados no palco, essa “tempestade” que chamamos de “progresso” pode ser simbolizada pelo redemoinho dos papéis das lembranças de Jacy e das recordações de quem viveu em Natal ao longo das últimas décadas.